

AGORA NÓS OS FORTES SOMOS OBRIGADOS A SUPORTAR AS FRAQUEZAS DOS FRACOS. A ECLESIOLOGIA DE PAULO E O PODER DA LÍNGUA, LOCALIZAÇÃO E O PROPÓSITO.

Sarah Whittle, NTC Manchester

As palavras do Paulo de Romanos 15:1 soam antes auto-confiantes e paternalistas— inutilmente prejudiciais numa carta que aponta a reconciliação e ultrapassagem de barreiras étnicas e teológicas. De facto, estas categorias são emprestadas do status-conscious mundo social de Roma, onde a força era relacionada à etnicidade, recursos materiais, reputação, conexão social e a habilidade de exercer poder sobre os outros. Em declarar a forte estilo próprio como sobobrigação aos sem poder, Paulo está a reordenar a igreja em linhas diferentes. E depois estende a instrução: a responsabilidade de edificar o próximo pertence “a cada um de nós”. Em fazendo assim ele afirma a agência não apenas do poderoso mas também o ‘sem poder.’ Isto é surpreendente num sistema que entende apenas os fortes como tendo capacidade de agir, poder ser capaz de partilhar recursos, construir a igreja. Tudo deve ser feito com o objectivo de edificação mútua. Finalmente, o pensamento do Paulo assenta-se na Cristologia: Cristo recusou-se a agradar-se a si próprio.

Este papel explorará as implicações da eclesiologia de Paulo para a igreja contemporânea por sugerir que na situação em que o fraco julga o forte e o forte despreza o fraco, Paulo está a responder a estruturas de poder de serviço no seu próprio mundo social que estão em conflito com sua experiência do sofrimento de Cristo, dar-se a si mesmo e bem-vindo radical a todos. Começar por expressar estas noções em termos do poderoso e do sem poder, desenvolverá uma perspectiva Cristológica ao exercício do poder—o que nós chamaremos de poder cruciforme.¹ Dará particular atenção à localização do poder na igreja e o propósito que se segue, e perguntar se a nossa eclesiologia oferece um desafio às estruturas de poder do nosso mundo. Greathouse diz que estas comunidades são raras com certeza, se na verdade existem. “ a igreja fracassou ouvir e

¹ Isto é Descrito como “Dar a vida sofrimento e potência transformativa/em fraqueza.” Michael J. Gorman, *Cruciformidade: Espiritualidade narrativa de Paulo da Cruz* (Eerdmans: Grand Rapids, 2001), 93.

reparar a chamada inflexível de Paulo para os fortes suportar os fardos dos fracos como demandado pelo amor genuíno?”²

Com uma alegação para a unidade endereçada a um povo experimentando divisões sociais, teológicas, e étnicas, Paulo pediu insistentemente uma resposta de semelhança Cristã. As categorias do “poderoso” ou “forte” (*dunatos*) e “sem poder” ou “não forte” (*adunatos*) (15:1) nas cartas de Paulo aos Romanos são muitas vezes determinados nas linhas dos Judeus e não Judeus, aqueles que são observadores ou não da lei, aqueles que observam dias particulares de festa e os que comem um tipo particular de comida—com suas relacionadas práticas idólatras.³ Mark Reasoner pede persuasivamente da perspectiva sócio-cultural que Paulo não está meramente a endereçar assuntos étnicos, teológicos e culturais, e conseqüentemente, e conseqüentemente divisões no poder. Ele encontra que a alta insidência em termos de “forte” e “fraco” explicada em Roma “mostra uma sociedade preocupada com o lugar de alguém no eixo do poder social. As pessoas mediam o seu valor pelas pessoas sobre as quais elas podiam exercer poder social, e a linguagem de Paulo reflectem etiquetas Romanas.”⁴ A igreja reflectiria esta consciência social. Que é, as categorias do poderoso e o sem poder dirige-se não apenas aqueles que se sentem livres e capazes de tolerar opiniões e práticas dos outros, mas aqueles com status

² William M. Greathouse, *Romanos 9—16: Um Comentário na Tradição Wesleyana* (NBBC; Kansas City; Beacon Hill Press, 2008), 222.

³ Esta etiqueta pode bem ser dada aos fortes. Com certeza, Paulo conta-se com os fortes (15:1) “A terminologia Forte & fraco foi provavelmente inventada *ou adoptada (pelos fortes de Roma para reflectir o segurar estereotipo da situação de uma forma que seria dificilmente recebida pelos que eram rotulados como #os fracos” Philip Esler, *Conflito e Identidade em Romanos: O cenário social da carta do Paulo* (Minneapolis: Fortress Press, 2003), 343.

⁴ Mark Reasoner, *O Forte e o fraco: Romanos 14:1—15:13 em Contexto* (SNTSMS; Cambridge: CUP, 1999), 63. Ver também, Carl N. Toney, *Ética inclusiva do Paulo: Resolver Conflitos da Comunidade e promover missão* (WUNT II. 252; Tübingen: Mohr Siebeck, 2008), 33. Enquanto não concordar com todos os aspectos do trabalho de Reasoner, Carl Toney encontra investigação social do Reasoner “intensifica a responsabilidade do forte por notar a posição social de superioridade deles. Assim, Paulo endereça os socialmente superiores fortes a fim de convencê-los a promulgar uma mudança para o bem da comunidade e para o status social do fraco” (46). “Estas pessoas viviam numa cidade com divisões socio-econômicas, e almejava atitudes pro-honra que facilmente acomodavam sentimentos de inveja e competitividade aos membros do grupo de alguém.” Esler, *Conflito e Identidade*, 344.

e influência, aqueles com capacidade de agir, de contribuir, aqueles que têm acesso a recursos e que são capazes de determinar os resultados, e aqueles que não podem..

No status-conscious do mundo social de Roma, influência, conexão social, reputação, e honra eram tudo. Tal poder era ser possuído e exibido, e podia ser demonstrado com riqueza, realizações, influência, amigos de alta categoria, aparência física impressionante, aprendizagem, e discurso sábio e eloquente. Não estar posse de indicadores de tal status significava que alguém não é poderoso mas sem poder.⁵ A ordem predominante a qual Paulo estava a responder funcionava num esquema muito amplo. O imperador era páter-famílias, e havia uma "totalmente penetrante dominação patriarcal " como o império era organizado numa "estrutura estritamente hierárquica, autocrática."⁶ Mas há, como Ehrensperger observa, partes da carta "que claramente clamam por formas de vida que diferem radicalmente."⁷ 14:1—15:3 é uma destas.

Muito foi escrito acerca do poder em Paulo. A definição de trabalho de Michael Gorman é "poder compreendia como habilidade de exercer control significativo ou influência, seja peo bom ou doente, sobre as pessoas e ou história." Seu sumário "poder, devíamos dizer, é a habilidade de *formar* ou transformar."⁸ Kathy Ehrensperger desenvolve este positivo aspecto de transformação como a chave para o exercício do poder nas comunidades Paulinas. Ela descreve um "poder transformativo," que deve ser baseado em consentimento e confiança para ser verdadeiramente pleno poder—e isto no contraste a qualquer força e dominação. Que é "as positivas, dimensões de capacitação do poder, como distintas de dominação e controle."⁹ assim, enquanto podemos endereçar as ideias do Paulo semanticamente sobre poder, tomando os termos *exousia*, *dunamis*, *arche*—palavras Gregas que podem ser traduzidas como poder, nós havemos como alternativa de olhar mais geralmente no sobredito do Paulo à igreja Romana e outros

⁵ Gorman, *Cruciformidade*, 270.

⁶ Ehrensperger, *Paulo e as dinâmicas do Poder, Comunicação e Interação no Movimento da Igreja Primitiva* (LNTS 325; London: T&T Clark, 2007), 10-11.

⁷ Ehrensperger, *Poder*, 12.

⁸ Gorman, *Cruciformidade*, 269. Para mais leitura, ver Ehrensperger, *Dinâmicas do Poder*. Foi noado que muitos dos recentes intérpretes do Paulo neste tópico, concernete com o uso e abuso contemporâneo, aproxima Paulo com "uma hermenêutica de suspeita" Stanley E. Porter e Christopher D. Land, "Paulo e suas relações sociais: Uma introdução," páginas 1-6 em Stanley E. Porter e Christopher D. Land (eds.) *Paulo e suas relações sociais* (⁸ Ehrensperger, *Dinâmicas do poder*, 196

Leiden: Brill, 2013), 2.

⁹ Ehrensperger, *Dinâmicas do poder*, 196

textos para mais apoio ou explanação de como Paulo e suas comunidades negociavam as dinâmicas do poder. Mas é também importante olhar para onde e como o poder da linguagem do Paulo é gerada, e isto aparece para ser o seu entendimento da encarnação de Cristo e auto-esvaziamento.

Trabalhar na ligação fraca e forte do Paulo na sua carta aos Romanos está muitas vezes relacionado a ocorrências no debate da comida dos ídolos em Coríntios (1 Co 8—10); mais proveitoso a este papel será endereçar as reflexões na mesma terminologia no tema do Paulo de “poder na fraqueza.” Isto é com certeza invulgar. “[T]o relatar reclusão da autoridade a fraqueza e sofrimento parece pelo menos paradoxo se não tolce da perspectiva da sociedade que era saturada com valores de força e poder dominante competitivo.”¹⁰ Paulo é fraco na sua presença e retoricamente não impressionante: “quando estou fraco então sou forte” (2 Co 12:10); “Estas cartas são pesadas e fortes, mas a sua presença corporal é fraca e o seu discurso desprezível” (2 Co 10:10); “eu estive convosco em fraqueza, e em temor, e em tremor” (1 Co 2:3). Fraqueza é aparente no seu sofrimento físico: a resposta de Deus a “espinha na carne” do Paulo é que “o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza” (2 Co 12:9), e isto inclui o co-sofrimento de Paulo com Cristo.

O poder-na-fraqueza do Paulo estende-se à desonrável actividade de trabalhar com suas mãos para o viver em vez de tomar vantagens de patrocínio (11:7), marca o abuso físico e humilhação no seu corpo (11:24-25) e a sua atitude de mansidão e humildade. Ele baseia a sua vida como apóstolo e exercício de autoridade no evento de Cristo. Assim, Paulo pode dizer “quando estou fraco, então sou forte” (2 Co 12:10b). E esta é a sua formulação chave entre fraqueza e poder. Ele relativiza a força humana e esforço humano a fim de demonstrar que é o poder de Deus a operar através dele e nas suas comunidades. Isto é em contraste aos valores do mundo em volta e qualquer reclamação a ser feita pelos seus oponentes, os impressionantes “super-apóstolos,” que podem bem ter demonstrado todas as características da firme, liderança autoritativa que as comunidades de Paulo teriam recebido de seus apóstolos mas cuja validade Paulo rejeitou. E ele rejeitou-a largamente porque era poder exercido na base do já-segurado privilégio—seja directamente ou baseada em relacionamento de patrocínio.

¹⁰ Ehrensperger, *Dinâmicas do poder*, 98.

A parte do facto de que o acesso para as tarefas de liderança eram constringidas aos sábios, bem nascidos e poderosos, as características de boa liderança eram de prestígio, retórica de honra eloquência na assembléia e, não menos em tudo, não ter que exibir trabalho manula mas beneficiar do trabalho dos outros. Os privilégios eram reservados para poucos, assim a única maneira para os membros da classe baixa ter uma partilha no poder dos tais 'homens fortes' era reconhecer o relacionamento de amparo com um destes aristocratas.¹¹

Isto parece ser exactamente o que Paulo estava a resistir por tentar estabelecer a obrigação do poderoso ao sem poder e o sentido de mutualidade e outra consideração. Liderança ou amparo eram absolutamente impróprio à luz do evangelho. Antes, o poder deve ser exercido na fraqueza humana. Não é que o poder possa ser somente manifestado na fraqueza humana, não que o poder seja inerente na fraqueza, mas antes dizer que o poder é manifestado na fraqueza é explicitamente uma rejeição dos sistemas humanos da dominação—uma rejeição de reclamação do poder e sistemas de valores. Tem também a ver com a natureza do sofrimento e morte de Cristo; ele foi crucificado na fraqueza; mas *agora* ele vive pelo poder de Deus (2 Co 13:4). Em outras palavras, qualquer reclamação feita em termos undanos na verdade impede que o poder de Deus se manifeste. Identificar poder-na-fraqueza contudo é o meio de ver o poder de Deus a operar na comunidade. É um revês radical de valores, uma inversão que significa que mais que honra e poder, os que seguem a Cristo manifestam desonra e impotentes.

É um paradox classic Paulino que está na fraqueza social, e *apenas* em tal fraqueza, que o poder de Deus devia ser demonstrado. Mas esta noção de poder-na-fraqueza aplica-se ao apóstolo em si apenas porque primeiro aplica-se a Cristo. e, a pesar de a language de poder e os sem poder não presente, isto é resumido pelo hino Paulo em Cristo da sua carta aos Filipenses 2:6—1, o que foi descrito como “história mestra.” Do Paulo¹²

primeiro, importa que a história do Paulo de Cristo se entrega a si mesmo é dada numa exortação a a outra consideração: “Não atente cada um para o que é propriamente seu ms cada qual também para o que é de todos” (Fil 2:4). E este é o context amplo do que significa ter a mesma “mente”mentalidade, ou forma de pensar) que estava em Cristo Jesus (2:5). Paulo diz-nos que Cristo não teve por usurpação ser igual a Deus algo explorado para a sua própria vantagem. Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens, e

¹¹ Ehrensperger, *Dinâmicas do poder*, 103.

¹² Gorman, *Deus Cruciforme que habita: Kenosis, Justificação e teosis na Soteriologia narrativa do Paulo* (Grand Rapids, Eerdmans, 2009), 12-13.

achado na forma de hoem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até a morte, e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou,. A entrega a si mesmo de Cristo demonstrou a actividade de Deus, ou forma de ser, no mundo. Para Paulo, esta é uma revelação da natureza de Deus, que estava a operar em Cristo, reconciliando o mundo consigo mesmo (2 Co 5:19). Status social e poder social são por isso rejeitados a favour de sem poder.

Há uma frase interessante a considerar no princípio do hino de Cristo. Muitas vezes traduzido “*a pesar* de ser em forma de Deus,” há um caso empolgante para tradução adicional de “ser” como “*porque* ele era em forma de Deus.” Gorman diz o primeiro é “caácer contraintuitivo” (a pesar de); e o segundo é “carácter cruciforme” (porque), descrevê-los como “dois lados da mesma moeda.”¹³ assim, numa mão, *a pesar de* Cristo possuía igualdade com Deus, escolheu não exercer nenhum privilégio mas tomou a rota de humilhar-se a; noutra mão, *porque* Cristo estava em forma de Deus, demonstrou a natureza de Deus na acção de se esvaziar a si mesmo. Um padrão narrative emerge do hino de Cristo: “a pesar de [x] Não [y] mas [z]”; “a pesar de” [status], “não” [egoísmo], “mas” [egoreduzismo].¹⁴ O egoreduzismo exibido por Cristo pode ser visto nas frases “esvaziou-se a si mesmo,” “humilhou-se a si mesmo.” São os movimentos para baixo da encarnação. São as alternativas de exploração egoístas do poder. Paulo age da maneira que age, portanto, porque ele forma a sua ifdentidade e ministério naquele pelo qual foi chamado. Além disso, tal movimento para baixo de entregar-se a si mesmo deve caracterizar as comunidades que Deus trouxe à existência.

O desafio de motivar relacionamentos numa forma de vida em Cristo deve ter sido levantado com os valores da dominante elite Romana, que sem sombra de dúvida influenciou alguns Cristãos. Falar do poder transformativo não é negar que há relacionamentos assimétricos. Mas o exercício do poder leva certas características Cristo ou evangelho-formadas que são consistentes com a mensagem a ser proclamada. Isto significa que hierarquias podem existir mas não podem ser estabelecidas em bases permanentes, apenas “funcionais em natureza servindo um propósito limitado por um tempo limitado.”¹⁵ Não somente Paulo coloca o forte ou poderoso sob obrigação dos sem poder—“não devemos agradecer-nos a nós mesmos”—mas ele continua a insistir que *cada um de nós* deve agradecer o próximo. O resultado é obrigação mútua.

¹³ Gorman, *Habitar*, 10.

¹⁴ Gorman, *Habitar*, 16.

¹⁵ Ehrensperger, *Dnâmicas do Poder*, 186.

Mas é significativo que aqueles com poder sejam dados particular responsabilidade para facilitar esta mutualidade. Não menos porque é impossível aos sem poder exercitarem o tipo de influência que seria requerida para fazer com que isso aconteça.

Vale apenas destacar a distinção entre a mutualidade e a reciprocidade. No mundo antigo, reciprocidade vertical no caso de patron e cliente foi avançado para o avanço para o melhoramento do poder e status do patrono—e praticado em termos de expectativa e obrigação. Assim, é "pela sua natureza, perfeitamente não equitativo."¹⁶ Mutualidade, noutra mão, tem a ver com a promoção do bem-estar daqueles que estão envolvidos na troca. Esta mutualidade é fundamentado, por Ehrensperger, na graça que a comunidade em Cristo recebeu—o entendimento deles do evangelho. Numa actividade que os grupos deviam emular, Cristo “recebeu” ambos os com poder e os sem poder. Devem por isso “receber” uns aos outros—para serem unificados e mutualmente se aceitarem (14:1, 15:7), uma vez que Deus (14:3) e Cristo (15:7) os receberam.¹⁷ Onde o poder é exercido sem se ter em consideração pela mutualidade e edificar o corpo—exemplos de “relacionamentos malformados” e “sistemas corriptos de medidas”—estes são sintomas “da ‘presente má era’ com a qual o evangelho colide.”¹⁸

Ehrensperger destaca a necessidade de confiança. E, embora confiança “não retribua relacionamento simétrico e não pressuponha que aqueles que são cometidos uns aos outros são iguais ou o mesmo, pressupõe respeito mútuo na base de sua partilhada confiança em Deus por Cristo.”¹⁹ Esta confiança é crucial para relacionamentos transformativos do Ehrensperger, que nunca devem exercer força, dominação ou control. Ela descreve poder emergente “numa acção comunicativa.” “Onde o sobre-poder é exercido nua forma não dominante, não paternalista mas transformativa, onde as pessoas agem conjuntamente em solidariedade, confiança é a dimensão ceentral indispensável.”²⁰ É importante que o tal poder transformativo continue em vista, e o objectivo como transcendência do poder assimétrico. Perdendo a vista do objectivo do

¹⁶ Justin J. Meggitt, *Paulo, Pobreza e Sobrevivência* (London: T&T Clark, 1998), 158.

¹⁷ Isto carrega o sentido de “receber ou aceitar a sociedade de alguém, lar, círculo de conhecimentos.” James G. Dunn, *Romanos 9—16* (WBC 38B; Dallas: Word Books, 1988), 798.

¹⁸ Beverly Roberts Gaventa, *Our Mother Saint Paul* (Louisville: Westminster John Knox Press, 1977), 74.

¹⁹ Ehrensperger, *Dynamics of Power*, 183.

²⁰ Ehrensperger, *Dynamics of Power*, 183.

relacionamento do poder transformativo—que é, a sua própria eventual transcendência—e caindo de volta para manter o relacionamento como um fim em si mesmo—pode apenas resultar numa dominação em vez de capacitar relacionamento.²¹

Assim a história mesta do Paulo da encarnação de Cristo e auto-esvaziamento, o movimento de descida de serventia e humildade forma o seu próprio ministério profundamente. Forma também a expectativa do Paulo de suas comunidades. Consequentemente, eles não estão para modelar a si próprios nas estruturas de poder do seu mundo social—os baseados em hierarquias, relacionamentos assimétricos de reciprocidade tais como relacionamento protector-cliente, maldade, etnicidade, privilégio do nascimento, e acesso a recursos. mas, tal como Cristo os recebeu, assim têm que receber uns aos outros. Os fortes são obrigados aos fracos. Não estão para perpetuar estruturas sociais mundanas mas exercer poder transformativo de semelhança a Cristo com o objectivo da transcedência de relações de poder desiguais. Além disso, membros das comunidades de Paulo, “cada um de nós,” são insistentemente pedidos a “agradar o nosso próximo, para o bom propósito de construir a vizinhança” (Rm 15:2). Outra vez, a base racional é Cristo, que “não se agradou a si mesmo” (15:3)—uma outra alusão à história mestra do Paulo.” Aqui Paulo partilha a responsabilidade igualmente: aqueles sem o tipo de poder requerem estar a frente no mundo social de Roma ainda se espera que contribuam integralmente a vida de comunidade em-Cristo, sem excepção.

A nossa igreja global tem muito a aprender do desafio de Paulo à ordem social prevalecente e os tipos das estruturas de liderança que gera e perpetua. Claramente os que estão abaixo dos recursos carecendo e conectividade, incapaz de acessar educação, e carecendo de influência global continuará a lutar na periferia da igreja global. E toda a gente sofre. Este não é um problema da falta de dom mas uma reflexão na forma como os que têm poder exercem-no. Há muitos exemplos que podemos endereçar mas tomaremos o papel de uma mulher.

Lendo as cartas do Paulo, a linguagem do género dos irmãos (*adelphoi*) pressupõe mulheres e devia ser traduzido como tal. Ehrensberger lembra-nos que as mulheres estão sempre presentes como membros activos do movimento, excepto onde explicitamente afirmou senão. Não é apenas as nossas traduções da Bíblia que são problemáticos. A nossa igreja parece ser

²¹ Ehrensperger, *Dinâmicas do Poder*, 29.

largamente com sucesso no guardar as mulheres fora das posições de liderança—posições onde podia ser capazes de exercer poder transformativo. Sugeriria que isto é menos acerca da maneira como lemos o texto do que é concernente o facto de que tendemos a perpetuar o género e distinções hierárquicos duma maneira que sente-se confortável e confortante. Que é, não desafiamos a ordem prevalecente mas ela conforta. E nisto não levamos o evangelho sèriamente—tal como o Greathouse reclama quando diz que a igreja falhou reparar e ouvir a chamada de Paulo.

De acordo com a Beverly Gaventa, as cartas do Paulo devem trazer-nos o foco na pergunta “O que Deus esta a fazer no evangelho de Jesus Cristo, e o que é que o evangelho significa para as vidas das mulheres?”²² estar em Cristo traz o “conferir identidade” lugar do macho ou fêmea ao fim—e com isso, o privilégio atribuído a ser macho. Para mulheres como com outros que previamente marginalizaram a chegada do evangelho “obliterar . . . ‘lugares’ com os quais as pessoas se identificam, mesmo o mais fundamental lugar de etnicidade, posição social e económica e género. A única locação dos que foram pegados pelos evangelho é ‘em Cristo’.”²³ Se apenas a igreja pudesse segurar o evangelho e ter a coragem de verdadeiramente deixá-lo formar a nossa maneira de estarmos juntos.

Tomamos sèriamente o ponto do Paulo de que os que seguem a Cristo figem o poder baseado nos padrões humanos, ou exerce poder em formas consonantes com a cultura dominante, provavelmente pode estar no caminho da actividade de Deus no mundo? podemos, com o Paulo, explicitamente rejeitar o exercício do poder e privilégio humano, não apenas no nível pessoal mas também no estrutural, como contrário e prejudicial à nossa vida corporada em Cristo? Tarefas de liderança são constringedoras ao sábio, bem-nascido e poderoso? Se sim, que estrutura precisa ser endereçada a fim de que as coisas mudem? O que é que aconteceria se,

²² Que é, em vez de olhar para permições e proibições, Gaventa, *Our Mother Saint Paul*, 65-66

²³ Gaventa, *Our Mother Saint Paul*, 68. Gaventa destaca o facto de que “muito poucos tentam ouvir as cartas do Paulo foram escritas por mulheres, ou escritas com vidas auto-consciência das mulheres no primeiro plano” (70).

seguir o movimento de Cristo de descer abaixo de serventia e humildade, finalmente expressado no poder-na-fraqueza na cruz, devemos receber, e ter consideração pelos, outros? Podemos nós fazer este objectivo de edificarmos a comunidade, localmente e globalmente, ou marcar, e olharmos para eradicarmos distinções na base de género, etnicidade, locação social ou qualquer tipo de “lugar identificável”? nas igrejas do Paulo, a única coisa que alguém é permitido fazer com qualquer poder que alguém pode ter é usar de forma transformativa, formas trans-fronteiriço de forçar mutualidade e edificar uma vizinhança. Relacionamentos assimétricos podem ser necessários, mas somente temporâreamente. Enquanto os sem poder são requeridos a contribuirem tudo o que é necessário para edificar vizinhança, são os poderosos que são dados a responsabilidade de exercer poder transformativo e demonstrar que a reclamação radical do evangelho requer um bem-vindo em Cristo a todos..